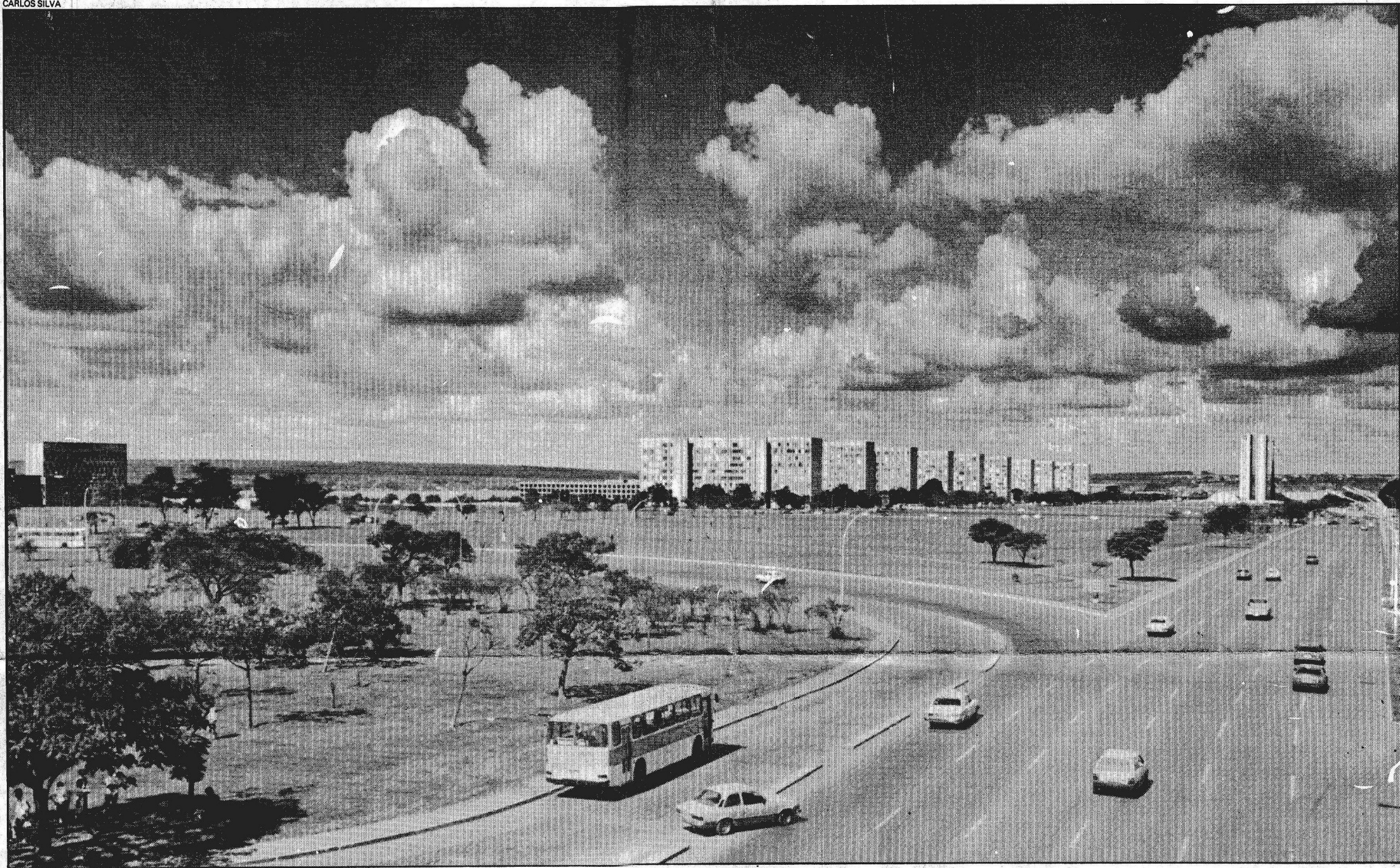


DF - Brasília

Luminosidade inspiradora e feroz

CARLOS SILVA



"A luz em algum momento fere, machuca, espanta"

Ralph Gehre

"O grande jogo da arquitetura é saber aproveitar a luminosidade sem perder a sensação de recolhimento"

Sérgio Parada

Brasília brilha sua luz excessiva em todas as estações e influencia poetas, pintores e cineastas

Os 1 mil e 100 metros que separam Brasília no nível do mar, a baixa poluição e a arquitetura derramada produzem uma luminosidade inspiradora para quem mora e faz arte na capital do País. Athos Bulcão e Rubem Valentim, dois dos mais eminentes artistas plásticos da cidade, já disseram, cada um a seu modo, que a luz de Brasília reaviva as cores e estimula o pincel. Mas a liquidez excessiva de luminosidade inflaciona o fotômetro dos fotógrafos, os cálculos dos arquitetos, os consultórios dos oftalmologistas. Esse clarão indiscreto incomoda Ralph Gehre, faz Hugo Rodas acordar mais cedo e provoca poesia em Francisco Alvim.

"A cidade parece estar convidando o céu e a luz para dentro dela", ensaia o conselheiro do Itamarati e autor de seis livros de poesia, Francisco Alvim. A sensação em alguns locais, diz, é de que se está numa das cidades aéreas de *Flash Gordon*. Esta ilusão ótica faz parte da obra de Oscar Niemeyer, corpos brancos que ao longe, em dias muito claros, dão a impressão de estar flutuando. "Em determinados locais do Lago Sul, tem-se a sensação de que a cidade está nos alpes suíços", viaja Alvim.

O poeta aproveita a transparência para ver os contornos de tudo o que corta o ar. "A nitidez é impressionante, no cerrado é uma beleza observar o desenho de cada árvore, em determinadas tardes temos a impressão que a cidade vai levantar". Próximo ao Aeroporto Internacional de Brasília, os aviões vistos no ar parecem estar parados, "como se aqui fosse a casinha deles, como se todos eles saíssem daqui, confiantes, seguros, confortáveis".

"A luz saindo pelos ares janelas se abrindo"

Desagradável — Se a poesia de Francisco Alvim se ouzica diante da luminosidade

de Brasília, a pintura de Ralph Gehre se mexe na cadeira meio incomodada com tamanha ênfase e tudo o que significa na história das artes visuais. Ralph usa óculos escuros para bloquear a afronta que o excesso de luz lhe sugere. "A luz em algum momento fere, machuca, espanta". A preocupação excessiva com a luz pode passar por artifícios acadêmicos. A luminosidade pode ter o sentido da qualidade, e isso chega a ser automático na arte figurativa.

Essa irradiação luminosa já foi motivo de inspiração quando Gehre pintava Brasília. "A luz era um dos elementos que me ajudavam a compor a pintura", conta. Sete anos depois ele trata a luminosidade apenas como referência de qualidade de meio ambiente, tal qual um ambientalista ou um cidadão preocupado com a saúde. No mais, essa luz em abundância não consegue disfarçar o quão desagradável está a vida. "É meio estranho,

obtusos", mas é assim para Ralph Gehre.

Atrás da câmera de filmar, o cineasta Vladimir Carvalho enxerga outra coisa, uma estética "da luz estourada", a mesma que entre 1959 a 1960 Linduarte Noronha descobriu no documentário *Aruanda*, do qual Vladimir participou. Filmado no alto sertão da Paraíba, *Aruanda* foi considerado inovador — iniciador do moderno documentário, segundo Glauber Rocha. Já foi dito que *Aruanda* inspirou *Vidas Secas*, de Nelson Pereira dos Santos. Se antes a luz era interdita, de *Aruanda* em diante ela invadiu a tela e virou elemento estético.

Essa possibilidade do belo inventada pela luz escancarada está em *Paisagem Natural*, o documentário de Vladimir Carvalho, prêmio Panda, no Rio Cine Festival do ano passado. Junto com outros seis episódios, compõe o filme *Brasília — Última Utopia*. As várias faces do cerrado que contorna a cidade são

apresentadas na sua mais fiel representação da luminosidade. De tão feroz, a luz de Brasília pulveriza os objetos, efeitos que correspondem ao que o poeta João Cabral de Mello Neto faz com as palavras.

Psicologia — Com tijolos e cimento os arquitetos podem fazer arte mas a luminosidade pode deixá-los numa encruzilhada. De um lado, há a preocupação de criar o que eles chamam de "espaço psicológico do usuário da arquitetura", o clima de conforto, de isolamento de um ambiente fechado. De outro, o desejo de aproveitar a luz solar para baratear o consumo de energia elétrica. Mas esse é um cuidado recente e que não permeou grande parte da arquitetura moderna da cidade, patrimônio cultural da humanidade.

"O grande jogo da arquitetura é saber aproveitar o meio ambiente", diz Sérgio Roberto Parada, arquiteto premiado com o segundo lugar no concurso nacional para a

construção do Pavilhão do Brasil na Feira Universal de Sevilha. Parada diz que já há no mercado vidros especiais com película interna que tanto aproveitam a luz externa quanto minimizam os efeitos do sol no ambiente.

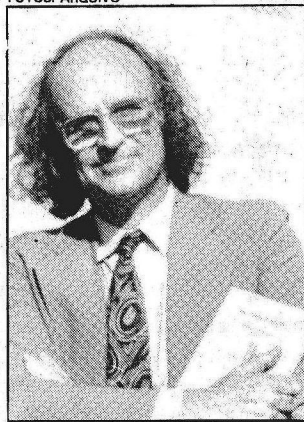
Quem gosta desta luz retumbante são os vitrais, como os da Igreja Dom Bosco. O tom azulado dos vidros filtra a luminosidade, os vitrais ganham incandescência, mas os fiéis conseguem o recolhimento que procuram, sem os excessos luminosos. Sérgio Parada soube aproveitar o céu estrondoso de Brasília na construção de um galpão da fábrica dos Irmãos Gravia, no Setor de Indústria e Abastecimento. Lá era preciso iluminação para o trabalho operário sem, no entanto, deixar que o sol atrapalhasse a produção. Ele utilizou tesouras *Shed*, um efeito sobre o teto, que permite a passagem da luz do lado oposto ao qual o sol incide.

Quando chegaram em Brasília para as primeiras cenas da nova capital, os cinegrafistas vindos do Rio e São Paulo quebraram a cabeça com seus filmes velados pela intensidade da luz. Até então eles dispensavam o fotômetro que a partir daí passou a ser parceiro fundamental. A fotógrafa Milla Petrillo, especializada em registrar arte e cultura, não passou por essa fase, mas fica de olho no fotômetro e se possível em dois, no da câmara e no manual.

Essa luz arrogante e exagerada "é boa demais para se viver", mas para trabalhar ela traz complicações, desnorteia o fotômetro, achata qualquer tentativa de profundidade e deixa as pessoas "não tão bonitas". Sendo assim, para Milla Petrillo, a luminosidade decantada perde o encanto. "Quando é possível, procuro um espaço à sombra para fotografar". O teatrólogo, ator e diretor Hugo Rodas trocou a noite pelo dia depois que chegou em Brasília. "Antes só trabalhava para mim de madrugada, depois de todos os bares e jantares. Agora levanto cedo, entre seis e sete da manhã e trabalho nos meus projetos até as dez". Rodas se inebria ao ver todo o horizonte, "de qualquer sexto andar, como se estivesse numa pequena ilha".

FOCOS DE LUZ

FOTOS: ARQUIVO



"Em determinadas tardes temos a impressão que a cidade vai levantar"

Francisco Alvim



"A gente vê o horizonte de qualquer sexto andar, como se estivéssemos numa ilha"

Hugo Rodas



"A luz de Brasília parece pulverizar os objetos"

Vladimir Carvalho



"Essa luz é boa demais para viver mas deixa as pessoas não tão bonitas"

Milla Petrillo

■ Conceição Freitas